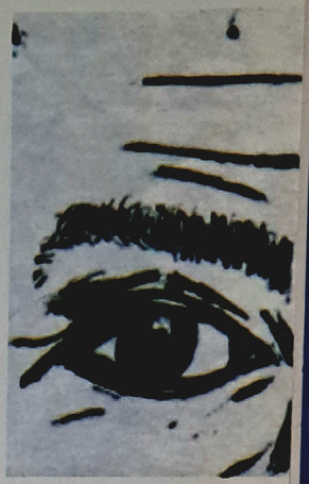
Conto Conto Conto

PRAZER EM CONHECÊ-LO

Conto Conto Conto

Ouviu-se uma voz muito ao longe chamando: "Vem, menina, depressa! Tá quase na hora! Corre, rápido." Era uma mulher baixa, rechonchuda, amorenada pelo sol, de cabelos escuros e desalinhados, de mais ou menos quarenta anos, usando um vestido por cuja abertura se viam as canelas embrutecidas e que estava molhado e meio sujo na altura da volumosa barriga. Nos pés, um par de sandálias de dedo, que se arrastavam pelo chão conforme caminhava com vigor a dona. A mulher tomou a menina nos braços e pôs-se a correr. Entraram as duas numa confortável casa, mas demasiadamente sóbria como cenário à imagem de uma criança. Na sala por onde entraram havia uma jovem senhora bem arrumada, com os cabelos negros e úmidos, olhos amendoados e aroma de alfazema, que aguardava ansiosa à porta de entrada com um semblante mesclado de pavor e raiva. Quando fitou a menina, aquele semblante se transformou em outro, de espanto e indignação. A imagem que via era desoladora. A menina usava um vestido estampado, mas não havia como decifrar os desenhos da estampa; os cabelinhos anelados misturavam-se a pequenos gravetos e pedaços de folhas secas; a pele tomou a cor do saibro que a cobria de maneira uniforme, contrastando apenas com o branco dos olhos, que também contrastava com as pupilas negras e brilhantes. A senhora, então, tomou fôlego e esbravejou: "Depressa, para o banho. Está quase na hora! Vamos!" As três, então, sumiram da sala por um corredor extenso e meio escurecido, e por onde também retornaram após vinte minutos apenas a jovem senhora e a menina; esta já completamente modificada; agora, usando um vestidinho todo branco, o qual realçava com seus cabelos bem molhados e jogados para trás e, por isso, enegrecidos e cintilantes. As duas sentaram-se num sofá de tecido grosso e encosto alto como se estivessem aguardando um acontecimento certo e importante. Chamou a senhora com certa pressa a outra mulher, que apareceu num minuto: "Gumersinda, por favor, diga aos meninos que se apresentem imediatamente, pois já está na hora." A mulher sumiu novamente pelo mesmo corredor, de onde, após dois minutos, surgiram quatro adolescentes. O mais velho devia ter uns dezenove anos; e o mais novo, doze. Todos, então, reunidos naquela enorme e meio escurecida sala, aguardavam também o evento. De repente, a porta de acesso ao interior da casa se abriu, e surgiu por entre ela um rosto sisudo de um homem de uns quarenta e poucos anos. Este fitou imediatamente a todos como se certificasse de algo. Entregou o seu chapéu e seu paletó à jovem senhora, que os entregou à senhora mais velha, a qual havia reaparecido em um instante. Todos os outros, inclusive a menina, foram tomar a mão do homem, beijando-a sutilmente. Depois, sentaram-se a uma enorme mesa de pinho, recuada a um canto da sala e já arrumada como que para uma farta refeição. O homem de quase meia idade sentou-se a uma das cabeceiras, de onde avistava toda a família. E com um ar bastante severo indagou, desviando o olhar para a menina: "Por que seus cabelos ainda estão molhados?" A jovem senhora respondeu em tom baixo: "Ela transpirou muito e teve que tomar outro banho." Todos aguardavam inertes o homem encher seu prato das diversas iguarias postas na mesa. Apenas quando ele terminou, começou a senhora a fazer o dela e o da menina; e logo após, do mais novo para o mais velho, os adolescentes, então, tiveram a sua vez. Notava-se que estavam ansiosos por iniciarem a refeição, mas cada um tinha de esperar o seu momento e, quando começasse a comer, deveria fazê-lo de maneira policiada e extremamente educada. Ninguém poderia falar qualquer palavra durante aquela hora, a não ser que o patriarca fizesse alguma outra pergunta. A menina, porém, quando levou a primeira colher cheia de uma sopa cremosa e avermelhada à boca, deixou tremer o talher, derramando seu conteúdo na parte superior do vestidinho, e começou a chorar de forma descontrolada. O homem ordenou àquela que parecia ser sua esposa: "Vá trocá-la imediatamente." A mulher levantou-se sem dizer qualquer palavra, pegou a menina nos braços e sumiu por aquele mesmo corredor. Enquanto ela devia estar fazendo o que lhe fora ordenado, bateram palmas do lado de fora da casa. Surgiu do corredor, num segundo, para abrir a porta, aquela outra mulher. Era um homem; bem mais velho do que o primeiro, de cerca de setenta anos. Imediatamente todos se levantaram, ficando o homem mais novo meio paralisado. O senhor, com certa impaciência, falou: "Há tantos anos não o vejo, será que por isso se tornou mal-educado? Onde está o seu pedido de bênção?" O homem mais novo, com um semblante antagônico àquele que carregava antes da inesperada visita, dirigiu-se ao senhor buscando-lhe logo a mão esquerda e beijando-a sutilmente após pronunciar, fitando o piso cujos detalhes apenas naquela hora percebeu, as obrigatórias palavras: "Sua bênção, senhor meu pai." Ao mesmo tempo começou a pensar o quanto era relativa aquela sua posição autoritária perante todos os outros daquela casa. De um instante para outro, tudo mudou. Agora, deveria agir como um deles.



Márcia Regina Murça Barroso
Revisora da Assessoria de Comunicação Social
Ascom